

CHECKLIST PARA AVALIAR A QUALIDADE DA COBERTURA JORNALÍSTICA DE FEMINICÍDIOS

Terezinha Silva

Apresentado durante o Minicurso Violência de gênero e cobertura jornalística, organizado pelos Grupos de Pesquisa GCODES (PPGCP/UFPA), Transverso (PPGJOR/UFSC) e Sindicato de Jornalistas do Pará (Org.). Online. 21 ago 2024. Apresentação completa disponível em: https://drive.google.com/drive/u/2/folders/1XJKA8um2LkGqfPZL_L7N1I17F2jbAqHy?hl=pt_BR



CHECKLIST PARA AVALIAR A QUALIDADE DA COBERTURA JORNALÍSTICA DE FEMINICÍDIOS

- ◉ O *Checklist* é uma ferramenta que pode ajudar a (auto)avaliar a qualidade e estimular a realização de uma cobertura jornalística responsável, ética e comprometida com o combate da violência de gênero e dos feminicídios - violação máxima dos Direitos Humanos das mulheres. Pode ser utilizado por jornalistas, estudantes de jornalismo, profissionais de diferentes áreas ou pesquisadoras(es) interessadas(es) em acompanhar e ajudar a qualificar a cobertura do tema pela imprensa.
- ◉ Foi elaborado a partir de críticas e/ou sugestões presentes em pesquisas e análises feitas há anos por pesquisadoras(es), especialistas em violência de gênero, feministas, instituições e entidades que atuam na defesa dos direitos das mulheres, além de alguns manuais, guias ou protocolos sobre boas práticas de cobertura. É um compilado do que se encontra nestes e em outros trabalhos, alguns deles referenciados na apresentação realizada durante o minicurso “violência de gênero e cobertura jornalística, em 21 de agosto de 2024, quando o checklist foi compartilhado com as pessoas participantes. O minicurso foi ministrado como atividade de formação para jornalistas, a partir de uma parceria entre os grupos de pesquisa GCODES/PPGCP/UFPA e Transverso/PPGJOR/UFSC e o SINJOR-PARÁ.
- ◉ O checklist pode ser permanentemente revisado, atualizado e complementado.

CHECKLIST PARA AVALIAR A QUALIDADE DA COBERTURA DE FEMINICÍDIOS



Na apuração, três cuidados fundamentais: buscar fontes para ir além do enfoque policial-judiciário e de episódio isolado; não revitimizar a mulher; e evidenciar o problema da violência de gênero (VG).

A Polícia e/ou o B.O. são um ponto de partida da pauta, que deve ir além do enfoque policial-judiciário. Na Delegacia, verificar se o crime será investigado como feminicídio e se havia violências anteriores (B.O.s, medidas protetivas), o que ajuda a contextualizar o crime.

Consultar especialistas em violência e outras questões de gênero; profissionais que atuam em organizações e centros de apoio à vítima; ativistas de movimentos sociais. É possível fazer entrevistas não restritas àquele caso específico, que não perdem a atualidade e podem ser retomadas posteriormente.

Utilizar estatísticas ou estudos sobre VG e/ou feminicídios. Contribuem para contextualizar e não tratar como caso isolado. Exemplos: Fórum Nacional de Segurança Pública (Anuário); Instituto Patrícia Galvão; instituições regionais, etc.

CHECKLIST PARA AVALIAR A QUALIDADE DA COBERTURA DE FEMINICÍDIOS



Cuidar no uso de fontes familiares, vizinhos ou círculo próximo. Elas ajudam, sim, a entender o ciclo de violências anteriores, mas também podem naturalizar ou reforçar estereótipos e códigos de gênero. Cuidar também na abordagem, com respeito à privacidade, sensibilidade à dor e ao luto das pessoas. Apurar se a família constituiu advogado(a).

Se o caso envolver filhos(as) menores, apurar e informar como eles serão acompanhados. Por exemplo, nos conselhos tutelares.

Apurar possíveis falhas na rede de proteção à vítima e questionar os agentes públicos a respeito de ações para evitar outros crimes. É dever do Estado garantir informação, proteção, assistência e reparação.

Verificar no Ministério Público se será exigido o pedido de reparação para vítima sobrevivente (despesas médicas, perda de salário etc.) e/ou para filhos(as) em caso de feminicídio.

Ao buscar e inserir a versão do agressor/suspeito ou advogado(a), mesmo repassadas pela polícia, cuidar para não naturalizar justificativas para o crime ou que amenizem a responsabilidade do autor.

CHECKLIST PARA AVALIAR A QUALIDADE DA COBERTURA DE FEMINICÍDIOS



Na redação e edição da matéria jornalística, ética e cuidado para usar linguagem adequada, respeitar a vítima e evitar sensacionalismo.

Manter o foco na mulher e na discussão do problema da VG. Sempre que possível, humanizar a vítima, mostrando quem era aquela pessoa, seus sonhos, projetos etc.

Evitar construções que enalteçam a biografia do agressor/suspeito. O feminicídio é o resultado de um ciclo de violências a que aquela mulher foi submetida por aquele agressor/suspeito.

Identificar o agressor/suspeito. Se as fontes da polícia insistirem em preservar a identidade, informar o motivo do sigilo.

Aproveitar o espaço para oferecer mais informações sobre VG, suas causas, consequências, ações de enfrentamento. Alertar, por exemplo, sobre micromachismos e “pequenas violências”: a importância de observar esses sinais que podem evoluir no ciclo de violências que leva ao feminicídio. Entrevistas pergunta-resposta, áudios ou vídeos etc. podem abordar assuntos relacionados sem perder a atualidade, ajudando na prevenção e conscientização. Exemplos: relacionamentos abusivos; masculinidades, etc.

Aproveitar para desconstruir mitos e estereótipos que estão na base das VG e dos feminicídios. A não aceitação do término de uma relação, ciúmes, etc. não são uma causa do feminicídio. O que provoca a VG e os feminicídios são as desigualdades de gênero naturalizadas pela cultura machista.

CHECKLIST PARA AVALIAR A QUALIDADE DA COBERTURA DE FEMINICÍDIOS



Evidenciar que o caso se constitui como uma VG. O crime poderia ter sido evitado se o alvo não fosse uma mulher? Teria ocorrido, nas mesmas circunstâncias, se a vítima fosse um homem?

Evidenciar, sempre que possível, o recorte racial do feminicídio (63% das vítimas são negras). Mostre-o como reflexo de vulnerabilidades a que estão expostas pessoas não brancas. Esteja atento aos vários marcadores interseccionais, para além da classe, raça e etnia, como sexualidade, capacidade corporal, origem/nacionalidade, etc.

Utilizar a linguagem de forma responsável. Não usar declarações ou termos que justifiquem o crime ou minimizem a responsabilidade do autor (“era um bom pai”, “bom filho”, tratava ela “como uma princesa”, “perdeu a cabeça”, “estava transtornado”, “fora de si”, “embriagado”, matou “por ciúme” ou “não aceitou o término”). Não usar termos que inferiorizem a vítima ou minimizem o viés de gênero do crime (“dramática”, “exagerada”, “sensível demais”, etc.).

Utilizar termos como feminicídio, violência de gênero, crime de gênero ou machista para se referir ao assassinato e enquadrar o relato. Não usar jamais “crime passional”. O crime não foi causado pela paixão e sim pelo sentimento de posse ou domínio sobre a mulher.

CHECKLIST PARA AVALIAR A QUALIDADE DA COBERTURA DE FEMINICÍDIOS



Respeitar o público LGBTQIA+. No caso de mulheres transgênero, use o nome social e a flexão de gênero no feminino. Não use nome de registro ou denominações masculinas.

Evitar sensacionalismo. Observar o que estabelece o Código de Ética dos Jornalistas (FENAJ), sobretudo nos artigos 6º e 11º. Privilegiar abordagens na prevenção e sensibilização para os problemas sociais da VG.

Não utilizar títulos “caça-cliques”, pois é desrespeitoso e afeta a credibilidade jornalística. Ex: “Homem é indiciado suspeito de feminicídio de namorada que filmou a própria morte”; “Homem mata companheira a facada e depois sai para beber com primo”; “Homem mata mulher com amolador de facas”.

Evitar descrever detalhes do crime ou do *modus operandi* do agressor/suspeito. Evitar também o uso de fórmulas repetitivas ou o relato como se fosse mais um homicídio como outro qualquer (Ex: “mais uma mulher foi morta...”; “um novo caso de feminicídio...”), para evitar a banalização e/ou naturalização. Priorizar também a construção do relato na ordem lógica da agressão e não na voz passiva: “Homem/marido matou a mulher...” e não “Uma mulher foi morta...”.

CHECK LIST PARA AVALIAR A QUALIDADE DA COBERTURA DE FEMINICÍDIOS



Respeitar e preservar a memória da vítima. Aspectos íntimos da sua vida devem ser preservados, conforme recomendam as “Diretrizes Nacionais para Investigar, Processar e Julgar com Perspectiva de Gênero as Mortes Violentas de Mulheres - Feminicídios”, organizado pela ONU Mulheres em parceria com o governo brasileiro.

Evitar termos que culpabilizam ou julgam a conduta da vítima. Exemplos: “havia bebido”, “usava roupas curtas”, “era prostituta”, “saiu com alguém que acabara de conhecer”, “suspeitava que ela o traía” etc. Nada justifica o feminicídio.

Não divulgar imagens da vítima, da violência ou que reforçam sensacionalismo e/ou estereótipos (cenas do crime, armas, bairros etc).

Usar recursos audiovisuais e/ou hiperlinks que complementam informações sobre o problema da VG ou ações para enfrentá-la (infográficos, linhas do tempo, galeria de imagens, entrevistas etc).

Divulgar telefones: Violência contra a mulher - Disque 180; perigo imediato - 190 (PM); Crianças e Adolescentes -Disque 100 - Direitos Humanos.

Divulgar rede de proteção, apoio e assistência existentes na região.

Fazer moderação de comentários. A internet é usada para a propagação de discursos misóginos e machistas, que culpabilizam a vítima e negam ou minimizam a violência de gênero.